APRESENTAÇÃO

Dossiê temático: Linguagens, territórios e identidades: memórias, resistências e disputas de sentidos em contextos socioculturais

José Antônio Vieira[1]
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-9065-925X

Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro[2]
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0003-4041-2117

Thomas Massao Fairchild[3]
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0003-2520-4600

Mariano Dubin[4]
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-6007-0516

As relações entre linguagem, território e identidade constituem um campo fecundo de investigação para a compreensão dos processos históricos, sociais, políticos e culturais que atravessam a constituição dos sujeitos e de suas formas de pertencimento. Compreender essas relações implica reconhecer que os territórios não se restringem às suas delimitações geográficas, mas se constituem também por experiências coletivas, práticas linguísticas, memórias, representações culturais e disputas de sentidos. Nessa perspectiva, a linguagem assume uma dimensão fundamental, uma vez que participa tanto da produção e circulação de conhecimentos quanto da legitimação, contestação e transformação das relações de poder que organizam a vida social.

É nesse horizonte de reflexão que se insere o presente dossiê da Revista Jussara, intitulado Linguagens, territórios e identidades: memórias, resistências e

[1] Professor Doutor, Adjunto II da Universidade Estadual do Maranhão – Curso de letras, Campus Bacabal. E-mail: zeletras@yahoo.com.br

[2] Professora Doutora do curso de Letras da Universidade Federal do Maranhão – Centro de Ciências de Bacabal – E-mail: maribeiro58@gmail.com

[3] Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. É docente da Universidade Federal do Pará desde 2009, onde atua na licenciatura em Letras Língua Portuguesa, no Programa de Mestrado em Rede em Letras PROFLETRAS e no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL). E-mail: tmfairch@yahoo.com.br

[4] Licenciado em Letras. Mestre em Lingüística e Doutor em Letras pela Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (FaHCE) de la Universidad Nacional de La Plata (UNLP). Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Profesor adjunto, cadeira de Didáctica da Língua e Literatura I. E-mail: marianodubin@gmail.com

disputas de sentidos em contextos socioculturais. A coletânea reúne quatorze artigos que, a partir de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, problematizam as relações entre língua, discurso, cultura, memória, territorialidade, educação e justiça socioambiental. Embora desenvolvam objetos de investigação distintos, os trabalhos compartilham o interesse pela compreensão dos processos de significação que constituem os espaços sociais e pelas formas como diferentes sujeitos e comunidades produzem, preservam, negociam e reivindicam suas identidades.

A diversidade das investigações reunidas permite estabelecer diálogos entre os estudos linguísticos, a Análise do Discurso, a Linguística Aplicada, a Toponímia, os estudos literários e culturais e as abordagens decoloniais e socioambientais. Essa pluralidade não representa apenas uma aproximação entre áreas do conhecimento, mas evidencia a necessidade de compreender a complexidade dos fenômenos socioculturais a partir de perspectivas que ultrapassem fronteiras disciplinares e reconheçam a historicidade das práticas humanas.

O percurso de leitura proposto organiza-se em uma progressão temática que parte dos processos de nomeação e significação dos territórios, avança para as políticas linguísticas e as disputas institucionais de reconhecimento, contempla as relações entre identidade e educação e alcança as manifestações culturais, literárias e socioambientais de resistência. Essa organização permite compreender como os diferentes textos se aproximam e se complementam na problematização das relações entre linguagem, espaço e sociedade.

Abrindo o dossiê, o artigo “O léxico de base tupi na toponímia de Marapanim-PA (Brasil)”, de Erica Costa, Davi Pereira de Souza e Carmen Lúcia Reis Rodrigues, investiga os topônimos de origem indígena presentes no município paraense de Marapanim. A partir de uma abordagem morfossintática e semântica, os autores evidenciam a influência linguocultural indígena na constituição dos nomes geográficos, demonstrando como a toponímia preserva marcas históricas das relações entre língua, natureza e sociedade. O estudo permite compreender a nomeação dos lugares como uma prática de inscrição cultural no território, na qual permanecem registrados conhecimentos e experiências de diferentes grupos sociais.

Em continuidade a essa discussão, Taís Caroline Leite dos Santos e Pedro Antonio Gomes de Melo apresentam “Da planta ao lugar: o simbolismo linguístico-cultural dos fitotopônimos na construção do território arapiraquense”. O trabalho examina nomes de povoados do município de Arapiraca, em Alagoas, relacionados à

flora local, demonstrando como elementos vegetais participam da constituição de referências identitárias e culturais. Ao relacionar toponímia, território e cultura, os autores evidenciam que os processos de nomeação não se limitam à identificação espacial, pois expressam relações históricas, práticas econômicas e experiências coletivas de pertencimento.

Ainda no campo dos estudos toponímicos, “Um estudo dos hidrotopônimos e animotopônimos presentes na hidronímia da microrregião do Gerais de Balsas à luz da topofilia”, de Idelfonso de Sousa Jorge Júnior e Maria Célia Dias de Castro, amplia o debate ao investigar os sentidos presentes na nomeação de elementos hidrográficos. Articulando Toponímia e Topofilia, a pesquisa demonstra como os nomes de lugares podem expressar tanto características do ambiente natural quanto vínculos afetivos e percepções coletivas. O artigo contribui para compreender a dimensão simbólica da relação entre os sujeitos e os espaços que habitam.

Se os três primeiros trabalhos evidenciam como a linguagem participa da constituição simbólica dos territórios, os artigos seguintes deslocam a reflexão para os processos de regulação, visibilidade e legitimação das práticas linguísticas em espaços marcados por fronteiras geográficas, institucionais e socioculturais.

Nessa direção, Angie Melissa Gamboa Yaruro e Franciele Maria Martiny, em “Paisagem linguística nos cenários de transporte e trânsito em Foz do Iguaçu (PR): onde estão as línguas?”, analisam a presença e a distribuição das línguas na sinalização de espaços públicos de uma região caracterizada pelo intenso contato linguístico e cultural. A investigação demonstra que a visibilidade das línguas não ocorre de maneira equilibrada, sendo atravessada por relações de prestígio e decisões de política linguística. Ao examinar a predominância do português e os diferentes lugares ocupados pelo inglês e pelo espanhol, as autoras evidenciam que a paisagem linguística constitui um espaço de manifestação das hierarquias e das relações de poder.

A discussão sobre fronteiras ganha outra dimensão no artigo “O espaço discursivo da fronteira no Referencial Curricular do Ensino Médio do Estado do Mato Grosso do Sul: separação e incorporação”, de Jaqueline Alonso Braga de Oliveira. Fundamentada na Análise do Discurso e em interlocução com estudos geográficos e culturais, a autora investiga os efeitos de sentido produzidos sobre a fronteira em um documento curricular oficial. A análise identifica representações que oscilam entre

separação e incorporação, demonstrando como os discursos educacionais participam da construção de imagens sobre territórios e relações interculturais.

A problemática da produção institucional de identidades encontra continuidade em “O imaginário quilombola em documentos oficiais: uma análise do estatuto da Associação de Trabalhadores e Trabalhadoras quilombolas de Lago da Onça, em Pedreiras/MA”, de Thamires Mikaelle da Silva Araujo, José Antônio Vieira e Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro. A partir da Análise do Discurso de orientação materialista, os autores investigam o funcionamento das formações imaginárias no estatuto de uma associação quilombola maranhense. O estudo demonstra que esse documento, para além de sua função jurídico-administrativa, constitui uma materialidade discursiva na qual se articulam memória, ideologia, pertencimento territorial e resistência. Ao examinar as imagens produzidas sobre a comunidade e seus sujeitos, a pesquisa evidencia as tensões entre reconhecimento institucional e afirmação identitária.

Em diálogo com essa perspectiva, “Protocolos de consulta como domínios linguísticos: políticas linguísticas e microgestão da linguagem em comunidades quilombolas maranhenses”, de Wheriston Silva Neris, analisa protocolos de Consulta Prévia, Livre e Informada elaborados por comunidades quilombolas do Maranhão. Fundamentado na teoria das políticas linguísticas, o artigo demonstra como esses instrumentos estabelecem condições próprias de interlocução, circulação e validação da palavra. A pesquisa contribui para compreender os protocolos como práticas de gestão linguística e de autodeterminação coletiva, evidenciando o protagonismo das comunidades na definição dos procedimentos discursivos relacionados às decisões que afetam seus territórios.

As discussões sobre reconhecimento, pertencimento e participação social são ampliadas pelos trabalhos que abordam as relações entre educação, identidade e circulação de conhecimentos.

No artigo “Identidade, território e acesso à universidade: trajetórias de estudantes quilombolas marajoaras sobre a preparação para a redação do Processo Seletivo Especial para Indígenas e Quilombolas da Universidade Federal do Pará”, Karley dos Reis Ribeiro investiga experiências educacionais de estudantes quilombolas do arquipélago do Marajó. A pesquisa evidencia que a preparação para o ingresso no ensino superior ultrapassa o desenvolvimento de competências de escrita, envolvendo processos de afirmação identitária, valorização territorial e

construção de projetos de futuro. Ao relacionar letramento e Educação Escolar Quilombola, o estudo destaca a importância de práticas pedagógicas contextualizadas para a promoção da justiça educacional.

A reflexão sobre educação e circulação de conhecimentos adquire uma dimensão internacional em “Aprender e persistir: desafios para a presença de pós-graduandos do Brasil em Angola”, de Adriana Santos Batista, Fátima Aparecida de Souza, Lílian Teixeira de Sousa e Augusto José Fazenda. O artigo problematiza as condições de implementação da mobilidade acadêmica entre Brasil e Angola, considerando experiências desenvolvidas no âmbito de um projeto de cooperação voltado à formação de professores. Os autores evidenciam limites estruturais e institucionais que dificultam a continuidade dessas iniciativas, defendendo a necessidade de políticas e articulações capazes de fortalecer a internacionalização acadêmica em perspectiva Sul-Sul.

O dossiê prossegue com investigações que compreendem as manifestações culturais e a literatura como espaços de preservação da memória, elaboração identitária e resistência aos processos históricos de silenciamento e dominação.

Em “Chula marajoara ou dança das taieiras? Entre o arquipélago do Marajó, Rio Grande do Sul e Portugal”, Taynara Garcia e Laurenir Peniche examinam os simbolismos associados à palavra chula em diferentes manifestações culturais. A partir de uma abordagem interseccional, as autoras problematizam as relações entre raça, gênero, classe e região, destacando o protagonismo histórico de mulheres negras na constituição da tradição marajoara. A investigação contribui para compreender como práticas culturais podem ser atravessadas por processos de invisibilização, hierarquização e ressignificação de suas origens e de seus sujeitos.

No campo dos estudos literários, Hanna Gabrielle do Vale Almeida, Andreza Luana da Silva Barros e Elijames Moraes dos Santos apresentam “Identidade, território simbólico e crise ética na narrativa maranhense de João Mohana”. O artigo analisa o romance O Outro Caminho, considerando as relações entre identidade cultural, territorialidade e conflitos éticos. As autoras e o autor demonstram como o espaço maranhense ultrapassa a função de cenário narrativo e participa da constituição simbólica dos personagens, revelando tensões entre tradição, modernidade, religiosidade e subjetividade. O estudo reafirma a relevância da literatura na compreensão das experiências históricas e culturais que constituem identidades regionais.

Ampliando o horizonte das discussões literárias para o continente africano, Juma Manuel, em “O campo em Maka na Sanzala, de Uanhenga Xitu: espaço mítico e de resistência”, investiga a representação do mundo rural na narrativa angolana. A partir de uma perspectiva crítica anticolonial, o autor demonstra como a sanzala se constitui como espaço simbólico de preservação dos saberes tradicionais e de resistência às formas de dominação colonial. A análise evidencia o potencial da literatura para questionar perspectivas eurocentradas e conferir visibilidade a práticas culturais e experiências historicamente subalternizadas.

As relações entre memória, literatura e territorialidade assumem uma dimensão socioambiental no artigo “Território, memória e resistência: uma análise socioambiental da poética afro-uruguaia”, de Aline Santos de Brito Nascimento e Virginia Orlando. A investigação articula literatura negra uruguaia, ecocrítica e decolonialidade para examinar como produções poéticas afrodescendentes representam vínculos afetivos com os espaços e denunciam processos de exclusão territorial e racismo ambiental. Ao analisar obras de autores afro-uruguaios, as pesquisadoras demonstram como a literatura pode constituir um espaço de preservação da memória ancestral e de reivindicação do direito ao lugar.

Encerrando o percurso temático, “‘As caras do racismo ambiental’: análise discursiva de um episódio de podcast sobre territorialização, identidades e justiça socioambiental”, de Leandro Siqueira Palcha e Valdir Heitor Barzotto, investiga os efeitos de sentido produzidos em uma materialidade discursiva midiática sobre o racismo ambiental. A pesquisa articula territorialização, identidades sociolinguísticas e justiça socioambiental, demonstrando como os discursos participam da visibilização das desigualdades e da constituição de posições de resistência. Ao problematizar os sentidos relacionados à crise climática e seus impactos diferenciados sobre populações racializadas e comunidades tradicionais, o artigo evidencia a centralidade da linguagem nas disputas contemporâneas sobre direitos, territórios e modos de vida.

Considerados em conjunto, os quatorze artigos evidenciam que as relações entre linguagem, território e identidade não podem ser compreendidas como fenômenos estáticos ou independentes. Ao contrário, constituem processos históricos e sociais permanentemente atravessados por disputas de representação, reconhecimento, pertencimento e poder. Os diferentes objetos de investigação demonstram que nomear um lugar, produzir um documento institucional, estabelecer uma política linguística, elaborar uma narrativa literária, preservar uma manifestação

cultural ou reivindicar justiça socioambiental são práticas que participam, de maneiras distintas, da produção de sentidos sobre os sujeitos e os espaços sociais.

A pluralidade geográfica contemplada pelos trabalhos constitui igualmente uma contribuição relevante desta coletânea. Ao reunir pesquisas desenvolvidas em diferentes regiões brasileiras e em contextos latino-americanos e africanos, o dossiê possibilita reconhecer aproximações entre experiências históricas e culturais distintas, sem desconsiderar suas particularidades. As discussões sobre comunidades indígenas e quilombolas, populações afrodescendentes, territórios fronteiriços e relações acadêmicas Sul-Sul evidenciam a importância de perspectivas de investigação comprometidas com a diversidade linguística e cultural e com o reconhecimento de conhecimentos historicamente marginalizados.

Nesse sentido, a publicação deste dossiê na Revista Jussara representa uma oportunidade de ampliar o diálogo entre pesquisadores, instituições e campos disciplinares, contribuindo para o fortalecimento de investigações que compreendem a linguagem como prática social constitutiva das experiências humanas. Mais do que reunir estudos sobre diferentes territórios, a coletânea convida à reflexão sobre os modos pelos quais esses territórios são nomeados, narrados, institucionalizados, vividos e disputados.

Espera-se, portanto, que os trabalhos aqui apresentados contribuam para o aprofundamento das discussões acadêmicas sobre linguagem, cultura, memória, identidade e territorialidade, ao mesmo tempo que estimulem novas investigações comprometidas com a pluralidade dos sujeitos, a valorização dos saberes e a compreensão crítica das desigualdades contemporâneas. Ao colocar em diálogo diferentes experiências de pesquisa, este dossiê reafirma a relevância de produzir conhecimentos atentos às relações entre linguagem e sociedade e às múltiplas formas de resistência e construção de pertencimentos que caracterizam os contextos socioculturais contemporâneos.

Boa leitura!